

A correspondência entre Espinosa e Oldenburg, ou os equívocos de duas ideologias

Atilano Domínguez*

Resumo: No século XVII, Espinosa desempenha um papel filosófico relevante porque vive em um período central (1632-77), está em relação com núcleos decisivos da cultura (Amsterdã, Londres e Paris) e sua melhor contribuição consiste em aplicar o método científico a todos os campos do saber, sem excetuar a política, a moral e a religião. Para nossa contribuição escolhemos sua correspondência com H. Oldenburg (1620-77), secretário da Royal Society. Em consequência da cronologia das cartas e de seus temas, trataremos dos seguintes pontos: 1) Os personagens; 2) Primeiro diálogo: objeções à metafísica; 3) Segundo diálogo: prevenções ante a religião; 4) Terceiro diálogo: desacordos acerca do cristianismo.

Palavras-chave: metafísica – religião – cristianismo – correspondência – Espinosa – Oldenburg

Foi para mim uma gratíssima surpresa receber o convite da Associação de Estudos Filosóficos do Século XVII para participar do congresso sobre “A correspondência no século XVII”. Pois talvez seja uma urgência de nossos dias ampliar o horizonte da Ilustração, marcado pela chamada *pós-*

* Tradução do espanhol de José Eduardo Marques Baioni; revisão de Yolanda Gloria Gamboa Muñoz e Jorge Rafael Renard.

** Presidente do Seminário Spinoza e professor catedrático do Departamento de Filosofia da Universidade de Castilla-La Mancha, Ciudad Real, Espanha.

modernidade, e buscar as raízes de ambas, passando do século XVIII ao XVII, século da primeira revolução científica e dos grandes sistemas filosóficos, das guerras de religião e dos primeiros ensaios da democracia atual. E tudo isso, justamente, através da correspondência, quer dizer, vindo como as idéias surgem da vida dos indivíduos, se consolidam nos grupos ou círculos confessionais, políticos e científicos. Tarefa excessiva sem dúvida, porém que abrirá muitas perspectivas variadas e inéditas.

Dentro deste mundo efervescente e criador, Espinosa desempenha um papel muito relevante: porque vive em um período central desse século (1632-77), porque está em relação com núcleos decisivos da cultura (Amsterdã, Londres e Paris) e porque sua melhor contribuição consiste em aplicar o método científico a todos os campos do saber, sem excetuar a política, a moral e a religião.

Para nossa contribuição escolhemos sua correspondência com Oldenburg (1620-77), secretário da Royal Society. Trata-se sem dúvida de um ponto de vista privilegiado, não só pelo ofício do interlocutor, algo assim como o primeiro correspondente intelectual da Europa, que está em contato com os personagens mais relevantes do momento, mas também pelo período de tempo que abarca (1661-1676), já que sucede à grande guerra de religião que assolou a Europa durante trinta anos (1618-48) e coincide, por um lado, com o regime liberal de Jan de Witt na Holanda (1653-72), com as guerras deste país com a Inglaterra (1665-67) e com a França (1672-74), e, por outro, com a redação por parte de Espinosa de suas três obras maiores e mais bem situadas no tempo: o comentário a Descartes (1663), o *Tratado teológico-político* (1670) e a *Ética* (1675).

Da rica problemática que oferece essa correspondência, deixaremos de lado o debate de Espinosa com Boyle e só tocaremos de passagem as notícias e comentários científicos entre Espinosa e Oldenburg, para centrarmos nos temas filosóficos. Tal como sugere o título por nós escolhido, intentaremos interpretar as reações de ambos os personagens nos distintos momentos de suas vidas, na medida em que elas refletem, de forma direta ou indireta, suas próprias ideologias. Nosso método tomou como pauta dois fatos ou anomalias que essa correspondência apresenta. O primeiro é que,

embora dure quinze anos, somente cobre três breves períodos: um de dois anos, de agosto de 1661 a agosto de 1663; outro de uns oito meses, de abril a dezembro de 1665; e o último também de oito meses, de junho de 1675 a fevereiro de 1676. O segundo é que faltam algumas de suas cartas⁽¹⁾ e que muitas das conservadas carecem de dados pessoais⁽²⁾. Em consequência, trataremos dos seguintes pontos: 1) Os personagens; 2) Primeiro diálogo: objeções à metafísica; 3) Segundo diálogo: prevenções ante a religião; 4) Terceiro diálogo: desacordos acerca do cristianismo.

1. *Os personagens*

“Quando recentemente estive convosco em vosso retiro de Rijnsburg, me resultava tão penoso separar-me de vosso lado que tão logo estive de volta à Inglaterra, faço o quanto me é possível para unir-me de novo a vós, ao menos mediante a comunicação epistolar. [...] Eia, pois, ilustríssimo senhor, estreitemos uma amizade não fingida e a cultivemos com toda classe de estudos e de bons ofícios” (*Ep 1*, 6/11–15/19-21). Assim expressa Oldenburg a profunda impressão que lhe havia causado sua visita a Espinosa em julho de 1663 e o propósito de estabelecer com ele uma sincera amizade e um frutífero intercâmbio intelectual. Porém, é sincera esta confissão? Pergunta difícil e, sem dúvida, somente sua resposta positiva, quer dizer, a sintonia entre ambos os personagens, nos permitiria esperar que a amizade e a colaboração entre ambos fossem permanentes. Tracemos, pois, suas biografias até o momento de seu primeiro encontro.

Baruch de Espinosa, de 28 anos de idade e sem profissão pública, devia ser naquele tempo um personagem que só era conhecido em pequenos círculos de seu país. Três ou quatro dados certos são suficientes para esboçar sua trajetória. Filho de judeus portugueses, educado na Bíblia e em hebreu na escola da comunidade judia, depois da morte de seu pai (1654) e de mal aplicar-se durante um ano ao comércio familiar (1655), é expulso da Sinagoga por suas “horríveis heresias” (1656). Ao ficar isolado de sua co-

munidade, abandona também o comércio e intensifica seus contatos com grupos heterodoxos, tanto holandeses como espanhóis, dos quais chega a ter notícia a Inquisição de Madri (1659). Incomodado talvez pelos judeus, pelos quais já não sente simpatia alguma, e atraído por amigos holandeses, que o protegem afetiva e talvez economicamente, decide consagrar-se à filosofia⁽³⁾. Para desfrutar de plena tranqüilidade, se afasta também do “círculo espinosano” de Amsterdã, interessado igualmente pela religião cristã e a filosofia cartesiana, e se estabelece em Rijnsburg. Nesta aldeia, sede dos colegiantes e próxima da Universidade de Leiden, o encontra Oldenburg, rodeado de alguns livros e de alguns instrumentos para polir lentes, em julho de 1661⁽⁴⁾.

Henry Oldenburg, de 41 anos de idade, embora tampouco tivesse uma profissão pública, era já um personagem conhecido por toda a Europa. Podemos adivinhá-lo pelos poucos dados que recolhemos em seguida. Nascido na cidade alemã de Bremen, onde seu pai era professor de filosofia, depois de obter ali o grau de doutor em teologia com uma tese intitulada *De ministerio ecclesiastico et magistratu politico* (1639), parece que passou repentinamente a viver na Inglaterra onde se dedicou ao ensino privado (1640-52) e cumpriu depois missões diplomáticas de sua cidade junto a Cromwell (1653-54). Assim, entra em relação com altos personagens, como o poeta Milton e os teólogos John Dury e Samuel Hartlib, e os cientistas John Wilkins, Sir Robert Moray e Robert Boyle, todos eles animados por atitudes religiosas comuns. Sua amizade com Boyle, da qual esta correspondência é boa prova, ofereceu-lhe a oportunidade de começar a mostrar-se ao mundo intelectual europeu, já que acompanhou Richard Jones – sobrinho de Boyle, parente de Dury e amigo de Milton – durante uma viagem de dois anos pela Alemanha, Itália e França (1659-60). O interesse mostrado pelas questões físicas e sua fidelidade em informar pontualmente a Milton e a Boyle, assim como sua sintonia com eles e outros pensadores de profunda inquietude religiosa e pacifista – Pett, R. Cudworth e H. More na Inglaterra, Serrarius, Boreel e Galenus Abrahantz, Limborch e Leclerc na Holanda – o fizeram merecer ser nomeado, quando de seu regresso a Londres, primeiro secretário da Royal Society, criada no dia 28 de novembro de 1660⁽⁵⁾.

Que interesse podia ter o ex-teólogo e ex-diplomata, convertido à filosofia da natureza, em falar com o ex-judeu, convertido à metafísica cartesiana? Pois é evidente que a iniciativa da visita não partiu de Espinosa, mas sim de Oldenburg. De regresso de uma viagem privada a sua cidade natal, realizada entre 23 junho e 19 de agosto de 1661, se deteve em várias cidades da Holanda onde visitou os personagens mais diversos: em Amsterdã, seu cunhado Heinrich Koch, seus amigos Adam Boreel e Petrus Serrarius, o alquimista e fanático italiano Francesco Giuseppe Borri, e Johan Hudde, aficionado em óptica; em Leiden, seu conterrâneo Cocceius, professor de teologia; em Haia, o físico e já membro da Royal Society Christiaan Huygens, de cujas atividades devia informar-se por encargo de Moray; e, enfim, em Roterdã, o anatomista Lodowijk de Bils e outros. Não temos certeza de que nenhum destes personagens fosse naquele tempo amigo de Espinosa nem tampouco de que já conheciam seu interesse pela óptica. Seus amigos do "círculo" de Amsterdã, com os que manterá sempre estreita relação, eram outros: S. de Vries, Pieter Balling, Lodowijk Meyer, Johannes Bouwmeester, Jarig Jelles e Johannes Rieuwertsz. Seus contatos com Huygens e mesmo com Hudde, por seus interesses comuns na fabricação de lentes e seus problemas teóricos, parecem ser posteriores (1663-70). Não obstante, qualquer um deles podia ter notícia do polidor de lentes e estudioso de Descartes. Nada estranho, pois, que ao dirigir-se de Leiden a Haia, Oldenburg se detivesse em Rijnsburg⁽⁶⁾.

2. Primeiro diálogo: objeções à metafísica

O aspecto que mais chama nossa atenção na correspondência entre Oldenburg e Espinosa, durante esses dois primeiros anos, é o contraste entre a intimidade de seu tratamento e a dificuldade de seu entendimento sobre o tema central de seu diálogo. Este contraste ressalta de forma especial em Oldenburg e já em sua primeira carta. A ciência e a elegância de tratamento, unidas à modéstia do filósofo, o seduziram e fascinaram. Sem dúvida, o

fato de não ter compreendido temas tão importantes e tão rapidamente tratados o fizeram inquieto e “torturado”⁽⁷⁾. E não era para menos, posto que, a julgar pelo que ele recorda, talvez com a ajuda de algumas notas que conservou, Espinosa lhe havia exposto as noções-chave de sua metafísica e as tinha contraposto a Descartes: Deus, atributos da extensão e do pensamento, união de alma e corpo. Demasiado para um diálogo de uma, duas ou três horas. Por isso, o antigo teólogo, nada leigo em filosofia, lhe formula duas perguntas muito precisas: que diferença estabelece ele entre a extensão e o pensamento? E por que sua doutrina é mais sólida que a de Descartes?⁽⁸⁾.

Espinosa lhe responde com toda a correção; porém, se se lêem as entrelinhas, sem tanto entusiasmo, já que alude muito sutilmente a fato de que a modéstia pode ser afetada e, por outra parte, não confia que Oldenburg, que se dignou a visitá-lo, vá compreender melhor e unir-se mais com ele⁽⁹⁾. Esta carta e o *anexo metafísico* nela incluído, porém perdido, junto com as duas seguintes que permitem reconstruí-lo, constituem a primeira versão documentada e já madura de seu sistema, coincidente com as oito primeiras proposições da *Ética* atual. A tese que Espinosa quer lhe apontar⁽¹⁰⁾, sem explicitá-la em afirmações categóricas, é que a única substância que existe é Deus e que os demais seres, em concreto o corpo e a alma humana, são modos; e que, por conseguinte, não existe a liberdade como faculdade de atuar com autonomia ou independência⁽¹¹⁾.

Seu discurso, sem dúvida, consiste na análise de conceitos e é, portanto, lento e menos contundente. A chave se encontra nas três definições: de Deus como substância de infinitos atributos; de atributo como ser que é concebido em si e por si, isto é, como substância; e de modo como ser que é em outro e por outro. Sobre essas definições funda Espinosa sua tese – formulada, em termos quase idênticos, em forma de axiomas e de proposições – de que a substância (atributo), por ser tal, isto é, totalmente autônoma ou independente, não tem nada em comum com outra, nem pode ser produzida por outra, mas que existe por si mesma. Donde se segue que Deus e, pelo mesmo, também a extensão atributo existem necessariamente; quer dizer, que a extensão é um dos infinitos atributos de Deus e que este é a única substância que existe⁽¹²⁾.

Evidentemente, esta doutrina não cabia na cabeça do teólogo, formado na metafísica escolástica, da qual Descartes – com sua substância infinita e finita, pensante e extensa – não era mais que o prolongamento⁽¹³⁾. Dentro do mundo cristão daquela época, esta doutrina, clássica desde Platão, era algo de sentido comum, que apenas cabia discutir. Por isso Oldenburg, menos habituado já à análise conceptual que à experiência, que todos tendemos a confundir com a *doctrina recepta*, não parece entender a argumentação de Espinosa. Não obstante, já entrevê a novidade e o perigo que contém a doutrina. E por isso, ao mesmo tempo que ironiza sobre a sutil argumentação de seu amigo, lhe exprime com a solenidade de um juramento a promessa de silêncio, que já lhe fizera em sua primeira carta, embora Espinosa não parecesse ter-lhe dado muito crédito⁽¹⁴⁾. A partir desse pressuposto, rechaça todos os seus argumentos, com exceção do primeiro axioma, que afirma que a substância é anterior aos acidentes ou modos. Sua réplica poderia resumir-se assim: ter o conceito de um ser infinito não prova que este exista, já que temos conceitos de coisas que não existem. Que uma coisa seja distinta de outra, não implica que seja totalmente distinta dela, como não o são todas as coisas do universo; pelo contrário, existem substâncias do mesmo atributo, por exemplo dois homens. Enfim, uma coisa totalmente distinta de outra pode ser sua causa, como o é Deus de todas as coisas. Em definitivo, Oldenburg refuta a Espinosa a partir da doutrina clássica, que toma por verdadeira. O contrário lhe parece absurdo, já que significaria que, se toda substância é causa de si, como há muitas substâncias, existiriam “outros tantos deuses”, isto é, que não haveria nenhum Deus verdadeiro (cf. *Ep 3*, 11/26).

Em conseqüência, se Oldenburg não dá crédito à doutrina de Espinosa, o dá menos a suas possíveis conseqüências contra a liberdade humana; e por isso talvez, não mencione sequer este tema, que será, sem dúvida, decisivo no terceiro período de sua correspondência⁽¹⁵⁾. Pelo contrário, ao final de sua carta, faz sua outra idéia sugerida por Espinosa e que realmente é capital de todos os pontos de vista: “Qual é a origem e formação das substâncias, assim como a interdependência das coisas e sua mútua subordinação” (*Ep 3*, 11/30-31; *Ep 2*, 8/19-21; cf. notas 36-7). Como vemos, segue

falando de substâncias no plural. Eis aqui por que o que Espinosa tinha qualificado de “falhas” de Descartes, o percebe agora como “objeções” que lhe faz Oldenburg contra seu próprio sistema. Um primeiro indício, acrescentamos nós, de que a compreensão da doutrina espinosana passa por seu distanciamento da cartesiana em duas teses básicas: que Deus é a única substância e que sua ação é necessária⁽¹⁶⁾.

A discussão metafísica chegou, pois, a um ponto decisivo. Se quisesse prosseguir com algum êxito, exigiria que Espinosa respondesse com toda a clareza à pergunta de Oldenburg sobre a origem e a conexão das coisas ou que este se decidisse a abordar o tema da liberdade, que no fundo vinha a ser o mesmo. Sendo assim, como nem um nem outro se decidiram a fazê-lo, o diálogo se desviou para outros temas. Daí que, durante os dois anos seguintes (de 11 de outubro de 1661 a 4 de agosto de 1663), Espinosa se dedicará a duas tarefas: fazer experimentos para contrastar sua opinião com a de Boyle sobre temas da química nascente, e aprofundar-se na filosofia cartesiana, tanto na física como na metafísica. Para esta dupla tarefa, para a qual foi incitado por Oldenburg, encontrará um segundo atrativo e, ao mesmo tempo talvez, uma ajuda no jovem estudante de teologia em Leiden e futuro botânico em Malabar, Johannes Caserius, a quem ministrará aulas de física cartesiana e de metafísica, enquanto está alojado em sua casinha de Rijnsburg. Testemunho de seus estudos científicos são as *Cartas 11 e 13* a Oldenburg e o comentário à segunda parte dos *Princípios da filosofia cartesiana*. De suas meditações metafísicas, outras cartas paralelas a seus amigos do “círculo” de Amsterdã, assim como o comentário à primeira parte dos *Princípios* e seu apêndice intitulado *Pensamentos metafísicos*⁽¹⁷⁾.

De sua parte, Oldenburg estará plenamente entregue às múltiplas relações que lhe traz o cargo, não remunerado, de secretário da Royal Society, reconhecida oficialmente desde 15 de julho de 1662, assim como as suas tarefas domésticas, pois contraiu matrimônio nesse mesmo ano⁽¹⁸⁾. Na correspondência desses anos com Espinosa, se limita a fazer-se de fiel intermediário entre ele e seu “nobilíssimo” protetor Boyle, já que sua situação econômica será sempre muito pouco folgada, e a acrescentar algum comentário pessoal, buscando o bom entendimento entre dois pensadores que represen-

tam interesses teóricos e metodologias muito distantes⁽¹⁹⁾. Na última carta deste ciclo (*Ep 16*), datada de 4 de agosto de 1663, Oldenburg termina pedindo a seu amigo que lhe envie por Petrus Serrarius o livro sobre Descartes que estava a ponto de vir à luz. Não há razão alguma para pensar que não o fizera imediatamente. E, sem dúvida, como veremos em seguida, a correspondência se interrompe aqui e somente dois anos mais tarde encontraremos uma leve pista que nos reconduza a ele.

3. Segundo diálogo: prevenções sobre a religião

São muito poucos os espinosistas que concederam um espaço próprio a este grupo de cartas⁽²⁰⁾. E os que o fazem não lhes concedem a relevância que merecem, porque supõem que só há dois grupos, isto é, que se produziu um corte ou ruptura nas relações dos dois amigos em 1665⁽²¹⁾. Assim sendo, entre agosto de 1663 e junho de 1665 sucederam-se muitas coisas que é preciso recordar para captar o significado do contido nas *Ep 25-33*, todas elas deste último ano.

Começamos por Espinosa. Instalado em Voorburg, próximo de Haia, antes de que viesse à luz seu comentário a Descartes (*Ep 13*), encarregou seu amigo Pieter Balling de o traduzir para o holandês. E ele mesmo teve interesse em acrescentar uma série de notas ao apêndice metafísico, nas que sublinhava que a criação das coisas por Deus é absolutamente necessária. O amigo morreu por causa da peste no mesmo ano em que veio à luz sua tradução (1664), e o tratado suscitou duras críticas de um aficionado em filosofia, ou melhor, na filosofia cristã, Willen van Blijenbergh, a quem Espinosa teve de suportar por meio ano, recebendo-o até mesmo em sua casa⁽²²⁾. Apesar do desgosto que esta diatribe devia produzir-lhe, prosseguiu com firmeza a redação da *Ética*, que, como dois anos antes o *Opusculum*, parecia estar chegando a seu fim em junho de 1665 (*Ep 28*). É neste momento crucial que recebe a nova carta de Oldenburg.

Que havia feito seu velho amigo durante esse longo período de silêncio? O próprio nos dá duas pistas. Se não lhe escreveu antes, diz a Espino-

sa, “a multidão de ocupações e a crueldade das calamidades domésticas são as culpadas”⁽²³⁾. Com efeito, Oldenburg estava plenamente entregue a seu cargo de secretário da Royal Society, mantendo uma correspondência que ocupa agora treze grossos volumes; e, desde março deste ano, publicava as *Philosophical Transactions*, nas quais recolhia o mais importante dela⁽²⁴⁾. Por outro lado, em 1664, morreu sua primeira mulher, Dorothy West (ver nota 21), em março de 1665 começou a guerra naval entre a Inglaterra e a Holanda⁽²⁵⁾, e, se fosse pouco, a peste assolava Londres esse verão⁽²⁶⁾.

Por que então escreve agora, em plena guerra e peste, e não antes? Podemos recolher algo por meio de suas próprias cartas. À primeira vista, o grosso destas são notícias, porém não filosóficas, mas científicas e políticas. Com efeito, Oldenburg informa a Espinosa sobre diversos livros de Boyle, Kircher, Hevelius, Auzout, e sobre investigações da Royal Society em torno do som e da anatomia, e lhe pede que influa para que não se publique na Holanda uma tradução latina do livro de Boyle sobre o nitro, pois se está fazendo já uma na Inglaterra⁽²⁷⁾. Por outra parte, está muito interessado em receber informação sobre as atuais investigações de Huygens acerca do pêndulo, a dióptrica e as regras cartesianas do movimento; e não menos talvez sobre a guerra que opõe os dois países. Neste contexto, cabe afirmar que Oldenburg se mostra como o que é, o secretário, divulgador e buscador de notícias científicas, e o cidadão bem relacionado, desejoso de obter informação que talvez possa ser útil. Pelo contrário, Espinosa se limita quase sempre a comentar suas notícias científicas⁽²⁸⁾, não deixando de mostrar certas reticências com relação aos êxitos de Huygens⁽²⁹⁾. E, quanto à guerra, contrasta a atitude de plena confiança, que manifesta a seu amigo Bouwmeester (*Ep* 28), com a de reserva em relação ao estrangeiro, pois a ele não formula pergunta alguma e costuma ser muito breve em suas respostas⁽³⁰⁾.

Porém, se se lêem os textos nas entrelinhas e se os projetam em seu contexto, se descobre que há neles muito mais do que isso, a saber, notícias filosóficas de máxima importância e também idéias. Quanto às notícias, a primeira é que Oldenburg devia ter recebido em 1663 o comentário aos *Princípios*, pois lamenta não o ter “já à mão” para verificar a opinião de Espinosa acerca da 6ª regra cartesiana do movimento⁽³¹⁾. E, ademais, o leu e

entendeu muito bem, já que alude a duas idéias centrais do mesmo: uma, que não recorda com precisão, a saber, se Espinosa seguia também neste ponto à letra (*katà póda*) a Descartes⁽³²⁾, e outra que se recorda, ainda que não o lugar, a saber, que Espinosa não admitia, como sim o faz Descartes (*Cartesius ipse*), coisas que “superam a capacidade humana”⁽³³⁾. Se a isto se acrescenta, por um lado, que aquele tratado tampouco admitia a idéia clássica de liberdade, tal como havia posto em relevo o debate com Blijenbergh, e, por outro, que Oldenburg recusou falar do tema, quando a este se adiantou abertamente Espinosa, cabe supor que seu silêncio de dois anos não se deveu nem a suas ocupações nem à guerra, mas que muito mais parece delatar seu desconcerto perante essas duas idéias, claramente anunciadas por Meyer no prefácio e por ele mesmo em outras passagens de seu comentário a Descartes⁽³⁴⁾.

Que esses dois problemas preocupavam realmente ao pensador alemão, que seguia em íntima relação com numerosos personagens de profundas crenças religiosas⁽³⁵⁾, é algo que se depreende também destas cartas. O que sucede, é que ambos os problemas estão um tanto disfarçados sob o tema geral da “origem das coisas”. Como já sabemos, este tema foi sugerido por Espinosa, ao afirmar que a maior falha de Descartes (e de Bacon) foi colocar mal o problema do erro⁽³⁶⁾. Oldenburg lhe pediu de imediato que o aclarasse, pois, como teólogo que era, sabia que se trata de um problema básico, do ponto de vista religioso e moral, e que sem explicá-lo bem tudo permanece nebuloso⁽³⁷⁾. Talvez para não assustar seu admirador entusiasta, Espinosa cala primeiro e remete depois o assunto a seu célebre *Opusculum*, porém apontando suas duas idéias metafísicas centrais: sua nova idéia dos atributos divinos e a causalidade imanente⁽³⁸⁾. Não sabemos se o *Opusculum* era o *TIE*, mas o certo é que este tema aparece nele com estes mesmos termos, e não, ao contrário, na futura *Ética*⁽³⁹⁾. Em todo caso, como Oldenburg ainda voltara a recordar-se dele e Espinosa lhe remetera agora a seu comentário a Descartes, que já estava sendo impresso, lhe pediu que lho enviasse⁽⁴⁰⁾.

Essa é a pré-história, presente sem dúvida no ânimo dos dois interlocutores, quando reiniciam em 1665 seu diálogo, já que ambos reconhecem

que tiveram notícias do outro, Oldenburg por meio de Serrarius e Espinosa por Huygens⁽⁴¹⁾. Espinosa, ademais, não havia deixado de lado o tema, pois era a base mesma de seu sistema, e, como tal, havia estado presente em suas notas à versão holandesa do *Apêndice*, no debate com Blijenbergh e na redação da *Ética*, que devia ter chegado a sua quarta parte atual (*Ep 28*). Nada estranho, pois, que a fim de justificar sua atitude de tolerância ante ações brutais, como as que ouviria comentar da guerra, acuda a sua velha doutrina para aplicá-la à vida humana. “Considero que os homens, como os demais seres, não são mais que uma parte da natureza e que desconheço como cada uma dessas partes concorda com seu todo e como se conecta com as demais”⁽⁴²⁾. Oldenburg e Boyle colhem no ar a idéia e lhe perguntam se, por fim, logrou aclarar este difícil assunto: “*si quid tibi lucis affulserit in ardua indagine*” (*Ep 31*, 167/10-11).

Acrescentemos tão-somente que Espinosa lhes responde com uma belíssima carta sobre as relações mútuas das partes e destas com o todo, que ele ilustra com a célebre imagem do verme que vive no sangue. E, ao final, lhe faz uma observação: “Como já tentei demonstrar antes de agora, na primeira carta que lhe escrevi quando ainda residia em Rijnsburg, dado que a substância é por natureza infinita, se segue daí que cada uma das partes pertence à natureza da substância corpórea e que sem ela não podem existir nem ser concebidas” (*Ep 32*, 171/9, 173/26-31; ver nota 12). É fácil adivinhar o comentário de Oldenburg. Agrada-lhe sua idéia “do acordo das partes da natureza com o todo”; porém, por que exclui dela a ordem, se admite a conexão e a proporção entre as partes, “a qual parece ser a mesmíssima razão formal da verdadeira ordem”? (*Ep 33*, 176/25-177/6). Sem dúvida que já ele sabia a razão; e a prova é que muito rapidamente lhe porá a objeção da fatalidade.

4. Terceiro diálogo: desacordos sobre o cristianismo

As dez cartas que entram neste último período (8 de junho de 1675 a 11 de fevereiro de 1676) têm sido as mais comentadas tanto pelos biógrafos

como pelos intérpretes, todos os quais costumam opor este último grupo em ruptura ao primeiro grupo de afinidade. O quanto nós temos dito não nos faz prever uma ruptura, mas sim a formulação explícita de divergências teóricas essenciais que alcançarão a sua tensão máxima quando um filósofo resolutivo, como Espinosa, e um cristão que está introduzido em um grupo plenamente confessional, como Oldenburg, afrontam finalmente um tema-limite: o sobrenatural e o cristianismo. Como nos dois momentos precedentes, traçaremos primeiro o marco histórico e projetaremos depois sobre ele os textos ou, melhor, sua linha argumentativa.

Dez anos é muito tempo na vida individual para que não sucedam alguns fatos relevantes. De Oldenburg basta recordar alguns. No verão de 1667, esteve recluso, por suspeita de espionagem, durante dois meses na Torre de Londres, coincidindo sua libertação com o final da guerra. Em 1668, se casou em segundas núpcias com a filha de seu velho amigo, John Dury, com a qual teve dois filhos. Em 1669, morreu Serrarius, que se havia feito de mensageiro entre ele e Espinosa durante oito anos. Por essa mesma época, entra em contato com Leibniz, conhece suas críticas ao *Tratado teológico-político* desde junho de 1670 e recebe sua visita em janeiro de 1673. Seu contato com Boyle e H. More o devia manter bem informado desde 1671 das críticas ao *TTP*. Enfim, de maio a agosto de 1675, reside em Londres outro conterrâneo seu, o jovem cientista Tschirnhaus, que conhecia pessoalmente Espinosa, possuía uma cópia da *Ética* e debatia já com ele o conceito de liberdade. Ele foi, ao que parece, quem o levou à decisão de renovar o diálogo com seu velho amigo⁽⁴³⁾.

Muito diferente foi a vida de Espinosa, dividida claramente em dois períodos de cinco anos, antes e depois da publicação do *Tratado teológico-político*. Durante o primeiro, segue residindo em Voorburg, nas cercanias de Haia, plenamente dedicado à sua redação e talvez a estabelecer relações com personagens próximos ao governo de Jan de Witt. Ao menos, é o que se depreende do fato de que só se conservam oito cartas de 1666 a 1670: três a Hudde, três a Jelles, uma a Bouwmeester e outra a Van der Meer, que alternam a metafísica com a ciência. Quiçá os dois fatos mais relevantes para ele foram a morte de seu íntimo amigo S. de Vries, que lhe deixou uma pensão vi-

talícia (1667), assim como o processo, prisão e morte no cárcere do teólogo Jan Koerbagh, suspeito, entre outras coisas, de espinosismo (1669).

Sua relativa tranqüilidade se viu, ao contrário, perturbada com a publicação do *Tratado teológico-político* em 1670. Aquela época pré-ilustrada acreditou repudiar a obra dando-lhe o título *De libertate philosophandi* e a seu autor a alcunha de ateu, que o associava a Hobbes e a Shaftesbury. Os ataques ao tratado se multiplicavam no exterior e no interior. Seu ponto álgido foi sem dúvida a análise detalhada e crítica que lhe fez chegar o teólogo de Utrecht, Velthuysen, através de um terceiro. O *De libertate* seria muito mais um panfleto, obra de um ateu camuflado, que solapava a religião e a moral (1671). A partir deste momento, a sorte de Espinosa estava lançada. Ocupado o país pelo exército de Luís XIV e assassinado o chefe do governo republicano, Jan de Witt (1672), sua situação se agrava. Nos consta, sem dúvida, que se sentia bastante seguro para recusar dois convites que lhe teriam dado a oportunidade de sair de seu país: uma cátedra em Heidelberg e uma pensão de Luís XIV na França (1673). Ainda mais, apesar de, no ano seguinte, o governo holandês ter proibido seu tratado e o governo francês ter levado à força o seu antigo professor Franz van den Enden (1674), deu acabamento a sua *Ética* e não duvidou em levá-la para a impressão (*Ep 68*). A denúncia de teólogos ante o governo, junto às críticas de alguns estúpidos cartesianos, lhe aconselhou certamente a desistir da empresa (1675). Porém, ele não estava sozinho. Seus velhos amigos do “círculo” de Amsterdã não deviam estar longe, já que publicarão suas *Opera posthuma* poucos meses depois de sua morte (1677). Em todo caso, a correspondência destes cinco anos é muito abundante e sua quase totalidade se reparte por igual entre dois novos amigos, Schuller e Tschirnhaus, e o bom Oldenburg⁽⁴⁴⁾.

Eis aqui as palavras com que ele abre o diálogo após dez anos de ausência: “Não quis deixar a oportunidade que me oferece o doutíssimo senhor Bourgeois, doutor em medicina, de Caen, e membro da religião reformada, que vai partir para a Holanda, para indicar-lhe que, faz algumas semanas, lhe expressei meu agradecimento pelo envio de seu tratado (ainda que nunca me tenha sido entregue), e para manifestar-lhe minhas dúvidas de que

aquela carta minha tenha chegado a suas mãos. Nela lhe havia expresso minha opinião sobre tal tratado; porém agora, depois de ter examinado e meditado melhor o assunto, penso que tenha sido demasiado prematura” (*Ep 61*). Nada do entusiasmo, embora um tanto exagerado, de 1661; tampouco as escusas do trabalho e a má fortuna de 1665. Mas sim uma espécie de dúvida e inquietação de quem não sabe muito o que está fazendo, já que devemos supor que não está mentindo. Dúvida sobre fatos únicos e pessoais, pois agradece com uma carta o envio do *Tratado teológico-político*; porém, deve advertir-se, o tratado não lhe foi entregue, e sua própria carta tampouco quicá tenha chegado a seu autor. Por outra parte, sem dúvida, leu o livro e o criticou duramente; mas sua crítica fora precipitada, e por isso agora, depois de tê-lo pensado melhor, decide escrever outra carta. Deve-se supor que para fazer, ao final, um comentário substancial e positivo a seu amigo, ao qual tantas vezes pedira que lhe enviasse seus próprios pensamentos⁽⁴⁵⁾.

Pois não. Segundo nos diz em seguida o próprio Oldenburg, em sua primeira carta afirmava que o *Tratado* continha expressões contrárias à religião, porque ele a tinha tomado ali no sentido que lhe dão os teólogos e predicadores. Agora, em compensação, se dá conta de que Espinosa, longe de tramar algo contra a verdadeira religião e a sólida filosofia, se esforça em fundar o fim da religião cristã e de uma filosofia frutífera. Tal vem a ser a síntese de suas duas cartas: a perdida e a atual⁽⁴⁶⁾. Suficiente para que nos demos conta de que só parece ter mudado sua opinião acerca da atitude subjetiva de Espinosa. Pois, em vez de acusá-lo de usar expressões duras contra a religião, o elogia por esforçar-se em salvar o fim desta, entenda-se, a prática da justiça e a caridade (*TTP*, 13). Porém sua opinião acerca do conteúdo do *Tratado teológico-político* não parece ter mudado, já que sua idéia pessoal da filosofia é que há de ser verdadeira e frutífera, e para isso deve estar de acordo com a religião, a saber, com a religião cristã. Mais ou menos a opinião de “filosofia cristã” de Blijenbergh e de Stensen⁽⁴⁷⁾.

A continuação do diálogo confirma plenamente esta interpretação. Com efeito, Espinosa responde a ele dizendo-lhe que se propõe a publicar a *Ética*. Oldenburg, que seguramente tem notícia dela por Tschirnhaus e quicá por outros⁽⁴⁸⁾, não dúvida em dirigir-se a ele nestes termos: “Peço-lhe,

pois, me permita de adverti-lo de que, pela sinceridade de seu afeto para comigo, que não mescle nele nada que pareça debilitar de algum modo a prática da virtude religiosa” (*Ep* 62, 273/9-11). São muitos os que parecem ter-se escandalizado com estas palavras, como se o antigo cientista ou amante da ciência, abatido pelas desgraças pessoais e assustado pelas conseqüências negativas da doutrina espinosana, chamara agora à ordem a seu velho amigo ou até mesmo o convidasse para uma conversão⁽⁴⁹⁾.

Os textos em seu conjunto não autorizam, sem dúvida, esta interpretação; e tampouco a contrária, a saber, que Espinosa quisesse converter Oldenburg à sua doutrina. Como sabemos, Oldenburg se interessou, tanto em 1661 como em 1665, pelas bases da virtude religiosa ou virtude cristã: a existência de um Deus que fosse compatível com outras substâncias e com a ordem; e da alma humana como ser espiritual⁽⁵⁰⁾. Por isso, já naquele tempo tinha dado a seu amigo conselhos similares. Em 1665, quando Espinosa lhe explicou os objetivos do *Tratado teológico-político* (*Ep* 30-II), lhe fez saber que ele dava por suposto que não diria nada que fosse em menosprezo da existência de Deus e sua providência⁽⁵¹⁾. Ainda mais, já em 1663, depois de seu amigo comunicar-lhe que estava dando a última mão no *Opusculum*, lhe tinha aconselhado valentia e, ao mesmo tempo, prudência⁽⁵²⁾.

Qual é, então, a novidade de 1675? Duas coisas muito importantes: que agora Espinosa já é conhecido por suas próprias idéias, expressas no *Tratado teológico-político*, e por muitos odiado, já que têm sido muito mal recebidas; e que ele mesmo se viu obrigado a pedir a seu amigo para abordar o tema do cristianismo (*Ep* 68). Quer dizer, que Oldenburg se vê forçado, por seu dever de amizade (*Ep* I), a tratar com ele o que outros, por própria iniciativa, lhe tinham proposto: Blijenbergh sobre seu comentário a Descartes; Velthuysen sobre o *Tratado teológico-político*, e Tschirnhaus sobre a *Ética* ainda inédita⁽⁵³⁾. Por isso talvez, podemos afirmar também que nenhum diálogo foi tão claro no delineamento, esclarecedor no resultado e elevado no estilo.

Recordemos os fatos. A Espinosa expôs em 1675 o problema que ele já temia em 1663: o inconveniente de publicar suas próprias idéias contra uma opinião pública adversa. Por isso, quando soube que por parte do clero

se tinha apresentado ante o governo uma acusação contra a *Ética*, decidiui retardar sua edição e, a fim de aplainar o terreno, esclarecer com notas os textos mais polêmicos do *Tratado teológico-político*. Se dirigiu, pois, a Oldenburg para pedir-lhe que lhe indicasse essas passagens (*Ep 68*) e ao teólogo Velthuysen para sugerir-lhe que ampliara os argumentos aduzidos na carta já citada (*Ep 42*), a fim de analisá-los a fundo (*Ep 69*). Não parece que Velthuysen tenha respondido. Em compensação, seu amigo citou em umas linhas, tão claras como concisas, não as passagens da obra, mas as três idéias que mais tinham molestado o amplo círculo em torno de Boyle que já conhecemos. As formulava assim: “o que ali se disse, de forma ambígua, sobre Deus e a natureza”; “que vós suprimis a autoridade e o valor dos milagres”; “que vós ocultais vossa opinião acerca de Jesus Cristo” (*Ep 71*). Se este resumo magistral, elaborado talvez em grupo, não pode ser qualificado como um ultimato lançado a Espinosa⁽⁵⁴⁾, seu desenvolvimento no debate, para o que serviu de fio condutor, tampouco permite afirmar que seu autor tenha manifestado uma atitude incerta e vacilante⁽⁵⁵⁾. Façamos uma breve síntese em forma sincrônica.

O já experiente no ofício de secretário e também de porta-voz sabe muito bem falar por outros, mas também por si mesmo. Por isso, tampouco agora lhe resulta muito difícil explicar as objeções que formulou. Dirigindo-se a seu amigo, argumenta nestes termos. Introduzir a fatalidade em toda a natureza torna impossível toda religião e toda moral, porque estas supõem a liberdade de eleição ou *proairesis*; e, suprimida esta, não têm sentido algum as leis nem o prêmio e o castigo, isto é, que os homens seriam escusáveis perante Deus, já que não poderiam fazer mais do que o que fazem. Negar os milagres, tachando-os de ignorância e superstição, equivale a pretender que o conhecimento humano é equiparável ao divino. Falar com ambigüidade acerca de Cristo é uma forma de negar que a encarnação do Filho de Deus e, sobretudo, a ressurreição de Cristo, sejam fatos históricos, ora pois, esta última verdade é o fundamento do cristianismo e está avalizada por numerosos textos que relatam testemunhos oculares⁽⁵⁶⁾.

As respostas de Espinosa são tão brilhantes e contundentes que nos oferecem uma das melhores mostras de sua capacidade lógica e retórica,

assim como de sua familiaridade com os textos do Novo Testamento. Seu conteúdo, sem dúvida, não é novidade, mas se limita a explicitar idéias já expostas no *Tratado teológico-político*. Que Deus produz necessariamente as coisas e é sua causa imanente, replica ele a Oldenburg, não supõe que esteja submetido à fatalidade, mas antes que atua com a mesma necessidade e liberdade com que conhece. Essa necessidade não elimina a responsabilidade humana, já que o valor de uma ação reside nela mesma e na consciência que dela se tem; e assim, a necessidade de matar um cão ou até mesmo um homem raivoso reside na necessidade de evitar o contágio. Os milagres são efeitos da ignorância, enquanto, se conhecêssemos toda a ordem da natureza, veríamos que têm causas reais e, portanto, naturais. Finalmente, os testemunhos sobre Cristo podem ser verídicos, porém é falsa a interpretação que lhes deram seus autores ou os intérpretes dos textos que os recolhem; pois, como é impossível que o ser infinito (Filho de Deus) assumia um corpo finito e, com maior razão, que um ser humano morto (Cristo crucificado) ressuscite, esses textos, como tantos outros da Bíblia, devem ser interpretados em sentido alegórico, isto é, como parábolas, já que são relatos que não pretendem descobrir a verdade das coisas, mas sim mover o povo à prática da justiça e da caridade⁽⁵⁷⁾.

Depois desse mordaz diálogo intelectual, Oldenburg insiste. Porém, nem ele acrescentou nada nem Espinosa teria nada novo a acrescentar. Alguma carta teria que ficar sem resposta (*Ep 79*).

A modo de conclusão

Terminamos nosso itinerário dos três diálogos que mantiveram Oldenburg e Espinosa em três períodos distintos, entre 1661 e 1676. É, pois, o momento de fazer uma síntese interpretativa. Nosso problema era o seguinte: foram sinceras as relações entre estes dois personagens que se encontraram um pouco por casualidade e se prometeram não só fidelidade mútua, mas sim inclusive amizade? A que se deveram os dois cortes de sua correspondência? A dificuldades físicas, que a fizeram impossível, o a discrepân-

cias ideológicas, que atraíam seu sincero desejo de estreitar laços de amizade e de colaboração intelectual? Até que ponto suas relações pessoais estão condicionadas pelos problemas da época? Demasiadas perguntas para que pretendamos dar-lhes resposta em algumas linhas. Nos limitaremos, pois, a destacar algumas idéias que se depreendem de nossa exposição.

A fim de que nossa síntese ganhe em brevidade e clareza, diremos que a idéia que dirigiu nossa exposição é que a filosofia de Espinosa rompia com a cultura dominante, especialmente com a religiosa. Sua metafísica da substância única e da causalidade necessária chocava de frente com o pluralismo ontológico ocidental, ao qual dera forma Aristóteles com sua doutrina do caráter substantivo de todos os seres da natureza (*Ep 2*) e da capacidade de eleição ou *proáiresis* (*Ep 79*) dos seres racionais e, em concreto, do homem. De nossa análise dos textos se depreende que essa doutrina, que constitui a diferença radical e a autêntica anomalia do espinosismo, a percebeu mais ou menos veladamente Oldenburg desde o primeiro momento. E, embora seu caráter pacífico, suas convicções científicas e religiosas de diálogo e tolerância, e mesmo o amplíssimo grupo em que estava inserido, o convidassem a evitar todo enfrentamento, a discrepância ideológica, essencialmente de inspiração religiosa e, portanto, também filosófica e metafísica, parece lhe ter atraído mais de uma vez. E, em concreto, nas duas interrupções, mais ou menos duradouras, que se produziram justamente no momento em que Espinosa lhe manifestou suas idéias metafísicas e religiosas, isto é, quando publicou seu comentário aos *Princípios de Descartes* (1663), e lhe anunciou os objetivos que presidiam sua redação do *Tratado teológico-político* (1665). Oldenburg recebeu sem dúvida e leu estas duas obras, e teve notícia dos comentários de outros. Porém guardou silêncio, porque as idéias nelas expostas chocavam com as suas e, como ele mesmo reconhece, desde a primeira carta, o “torturavam” (*cruciare*). Seus titubeios e incoerências, ao dar conta desses silêncios ao amigo, denunciam seu significado oculto. É uma tese que nós tínhamos adiantado há onze anos e que agora cremos ter confirmado⁽⁵⁸⁾.

Esse significado consiste em que a liberdade de expressão era então – e não sei se também agora – muito mais uma aspiração que uma realidade.

Depois das crueldades que haviam causado as guerras de religião na Europa da primeira metade do século (1648), surgiram movimentos pacifistas por toda parte, especialmente na Holanda e na Inglaterra, quer dizer, nos meios nos quais se moviam Espinosa e Oldenburg. Porém o resultado foi muito diferente para ambos. Espinosa, que se tinha afastado de todo vínculo institucional, religioso e social, exerceu uma liberdade de pensamento quase sem limites. Porém, sua correspondência com Oldenburg é o melhor testemunho de quão difícil lhe foi exercer também a liberdade de expressão. E ele era bem consciente disso, desde sua alusão ao *Opusculum* em 1663 (*Ep 6*), até o intento de publicar a *Ética* em 1675 (*Ep 68*). Em todo caso, não se atemorizou a publicar – ainda que fosse sem seu nome, como anos antes lhe aconselhara seu amigo (*Ep 14*) – o *Tratado teológico-político*, que foi rebatizado ou maldito com o título *De libertate philosophandi*; e, ao final, quando viu que era imprudente (*caute*) editar a *Ética* para que fosse imediatamente retirada de circulação, adentrou à arena da forma que estimou mais eficaz: em um debate, não com o vulgo ignorante, mas entre sábios e de grande estatura. As cartas que o recolhem, são um dos melhores testemunhos dessa época.

E Oldenburg? Mostrou a enorme habilidade de que Espinosa se serviu em algumas das investigações avançadas que então se estavam iniciando – química, física, óptica, anatomia – e que dera a conhecer, no momento oportuno, suas idéias sobre Descartes, a Bíblia e o cristianismo. Nenhum dos diálogos – muito mais debates e diatribes – que sustentou com outros personagens foi tão eficaz e esclarecedor como o que manteve com Oldenburg. Todos eles, sem exceção, foram tão duros como breves, porque seu tom era polêmico e agressivo. Sinal extraordinário daqueles tempos! E ocorre que Oldenburg não se dirigiu nunca a seu amigo, como mais de um afirmou, para convertê-lo, mas sim para saber como pensava e incitá-lo a publicar suas idéias. A fleuma do “*Herr*” alemão, um tanto suavizada pela “*fairnes*” dos muitos “*Sir*” ingleses que o rodeavam, logrou o que os demais interlocutores pretenderam em vão: que expusesse em um papelzinho, *anexo* a sua primeira carta, uma síntese precoce e magistral de sua metafísica. E que em suas últimas três cartas se expressara com tanto rigor como

contundência sobre os dois temas mais perigosos que atormentavam (*cruciare*) seu século: a liberdade de eleição, no contexto da predestinação religiosa, do mecanicismo científico e do absolutismo político; e o caráter sobrenatural e milagroso do cristianismo na época do racionalismo cartesiano, do empirismo científico e das “inquisições disfarçadas” [*inquisiciones de levita*], como dizia nosso Unamuno, que também naquele tempo rondavam para além dos Pireneus.

Bem, demo-lo por ouvido. Porém era este o significado que davam os dois amigos, ou aspirantes a sê-lo, isto é, filósofos, a seus encontros e desencontros? Experimentariam eles estas suas relações intelectuais como isso que hoje alguns querem expressar com o termo “cumplicidade”? Porque este é o autêntico problema filosófico: antes que o da liberdade externa, política e religiosa, está o da liberdade interna, já que é nela o lugar em que se manifesta a verdadeira *potentia mentis*. Pois bem, eu me atreveria a dizer que não. O autor da *Ética*⁽⁵⁹⁾ manifesta reiteradamente em suas cartas que o diálogo deve ir unido à amizade e esta à verdade, nunca à dissimulação⁽⁶⁰⁾. Assim ele se mostra a Oldenburg explicando-lhe sua idéia do termo “modéstia”, que tinha utilizado, e comunicando-lhe os planos de suas obras; porém, sobretudo, no momento de maior perigo, pedindo que lhe transmitisse que queixas se ouviam à sua volta contra o *Tratado teológico-político* (*Ep* 68). E Oldenburg, manifestando em quase todas as suas cartas seu desejo de estabelecer amizade com ele, sua promessa de guardar silêncio, sua insistência para que publicasse seus escritos; e, acima de tudo talvez, quando, ainda sendo uma pessoa sem autonomia econômica e com dependências sociais quase iniludíveis, por ser também familiares, foi capaz de manter o diálogo, reiniciando-o duas vezes, e sempre com dignidade e respeito.

Espinosa e Oldenburg acreditavam, pois, na amizade entendida como um dos grandes poderes da verdade. Porém, ao mesmo tempo, experimentaram quão difícil é conquistar a verdade e ainda mais no terreno religioso. Oldenburg, o dissemos, o demonstrou à sua maneira, evitando um tema que era polêmico, e aquiescendo depois a tocá-lo a pedido de seu amigo. Espinosa elevou, ademais, o problema à teoria, desvelando a raiz das divergências humanas e, em concreto, das religiosas. Em sua opinião, a religião

constitui o aspecto mais problemático da verdade e da amizade. Por um lado, deveria ser o motivo mais poderoso de união entre os homens: “*O bem que todo aquele que persegue a virtude deseja para si, o desejará também para os outros homens, e tanto mais quanto maior conhecimento tenha de Deus*”. Em conseqüência, “*para fomentar o amor são necessárias, antes de tudo, aquelas coisas que se referem à religião e à piedade*” (*Ética*, 4/37 e 4/Cap. 15). Por outro, sem embargo, há que constatar que a realidade é muito diferente, “*pois o costume e a religião não são os mesmos para todos, mas que, pelo contrário, o que é para uns sagrado, é profano para outros, e o que é honesto para uns, é desonesto para outros*”. Tanto é assim que “*muitos, por impaciência de ânimo e falso zelo pela religião [...] se refugiam no exército*” (*Ética*, 3/af27 e 4/Cap. 13)⁽⁶¹⁾.

Eles dois são também um exemplo desse problema, da tensão entre o ideal da paz e a amizade, que só é firme se se apóia na verdade, e a realidade de que nossas verdades e amores costumam ser parciais. Por isso, ante o enigma das paixões humanas desatadas na guerra – econômica, e não religiosa – entre seus dois países, ambos descrevem e rechaçam com toda a força seus horrores. Porém sua atitude reveste-se de matizes diferentes. O cristão Oldenburg se lamenta de que sejam muitos os que não querem deixar-se guiar pela razão, e não acha outra solução que a aceitação do mal e o esforço em superá-lo: “*Haverá vícios enquanto houver homens; porém tampouco aqueles serão perpétuos, e a intervenção dos melhores os lenifica*”⁽⁶²⁾. Espinosa recorda sua doutrina de que aos homens há de se intentar educá-los; porém, enquanto não se consegue, não se os deve violentar nem ridicularizar. Há que respeitá-los. “*Por isso eu deixo que cada qual viva segundo seu bom parecer, e aos que assim o desejem, que morram por seu bem, enquanto a mim me seja lícito viver para a verdade*”⁽⁶³⁾.

Quando não é possível a liberdade de todos na verdade, há de praticar, ao menos, a tolerância. Esse era já para alguns o signo do século XVII, e o foi mais ainda no grande século das Luzes. Pois bem, já que nem sequer o débil signo da tolerância está sendo o signo de nosso século, oxalá que este, ao menos, seja o signo do século que já assoma.

Abstract: In the XVIIth Century Spinoza plays a relevant philosophical role because he lives during a central period (1632-77), is in relation with decisives centers of culture (Amsterdam, London, and Paris) and his best contribution consists in applying the scientific method to all fields of knowledge, without excepting the politics, the moral, and the religion. For our contribution we chose his correspondence with H. Oldenburg (1620-77), secretary of the Royal Society. In consequence of the chronology and of the themes of this correspondence, we will treat the following points: 1) The characters; 2) First dialogue: objections to the metaphysics; 3) Second dialogue: preventions in the face of the religion; 4) Third dialogue: disagreements concerning the Christianity.

Key-words: metaphysics – religion – Christianity – correspondence – Spinoza – Oldenburg

Notas*

* Para Espinosa, remetemos com as siglas usuais à edição de Gebhardt (Spinoza Opera. Ed. por C. Gebhardt. Heidelberg, Carl Winter, 1925, 4 vols.; cf. Spinoza 25), cujas páginas vão impressas à margem de nossas traduções para o espanhol, citadas da mesma maneira. Indicamos a página(s) e, separadas por uma barra inclinada (/), a(s) linha(s) correspondente(s); para a Ética, o número antes da barra indica a parte da obra. Para o restante, cf. as Referências Bibliográficas.

(1) Assinalamos que as Opera posthuma (1677) só haviam publicado 75 cartas, entre outras razões, porque os editores tinham excluído algumas, especialmente de amigos seus e de Espinosa. A recente tradução holandesa de F. Akkerman e H.G. Hubbeling – que temos seguido (cf. Akkermann, Hubbeling & Westerbrinck 1) – inclui 88, embora algumas sejam simples fragmentos (ver nossa “Introducción”, in Domínguez 9, p. 9-16 e 56-62 e notas). Ainda assim, há muitas cartas aludidas que não apareceram até o momento. De Oldenburg/Espinosa sabemos que faltam cinco (Hutton 20, p. 108).

(2) Apesar de se ter recuperado fragmentos das Ep 6 e 30 (ambas de Espinosa), ainda faltam dados em várias: Ep 26, 30, 68, 73, 75, 77 e talvez em outras.

(3) Dados biográficos e documentais de todos estes fatos em nossa edição de Biografias de Spinoza (Domínguez 10); síntese em nossas introduções ao TTP (1986, p. 9-14), à Correspondência (1988, p. 22-32) e ao Tratado de la reforma (1988, p. 37-9). Ele próprio descreve sua mudança de vida, se bem que de forma anônima, na introdução a esta última obra (TIE, §§1-5).

(4) A existência desse círculo, que Meinsma tomou por título de sua célebre monografia, está atestada na Correspondência (Cartas a S. de Vries, L. Meyer, P. Balling, J. Bouwmeester, J. Jelles, etc.), no prefácio de Meyer ao seu comentário a Descartes (PPC, 1663, p. 129/30 e ss.), no Prefácio de J. Jelles às Opera posthuma (em Domínguez 10, Biografias, §§3-6). Ver especialmente: Ep 8 (de S. de Vries), 39/8-9: nobis collegis [...] iterum collegii initium fecimus; Ep 9 (de Espinosa a S. de Vries), 42/27: quod quaestiones in collegio vestro (satis sapienter instituto); Ep 28 (Espinosa a J. Bouwmeester), 163/19-21: quod ad 3^{am} partem nostrae philosophiae, e comparar com TIE, p. 14/32, 15/34 (mea philosophia); p. 17/29 (nostra philosophia), 19/19, 29/32, 31/26 (Philosophia). Sua ideologia é sintetizada assim por Kolakowski: "O 'círculo de Espinosa' [...] se compunha de homens que se achavam ainda tocados pela irradiação do cartesianismo, porém que se interessavam pelas [...] 'questões últimas' derivadas de uma inspiração religiosa" (Kolakowski 21, p. 150).

(5) Cf. Meinsma 22, p. 219-29, 240-1, 254-5, 296-304, 327, 464-5 (vida de Oldenburg); S. Hutton 20, p. 113, 114-9 (atividades religiosas); M. Francés 15, p. 50-3, 163 (amigos holandeses); Popkin in Meinsma 22, p. 126, 443/n9 (círculo Espinosa); Chauvi 5, I, p. 177-8; II, p. 33/90n: "Os arminianos holandeses, como van Limborch e Velthuysen, ganham a simpatia dos Platônicos de Cambridge, particularmente de Henry More e Ralph Cudworth, estabelecendo troca epistolar e visitas entre eles; também estabelecem laços com a Royal Society, e a amizade será forte entre van Limborch e Locke, Leclerc e More. Bayle, huguenote francês estabelecido na Holanda, simpatiza com os arminianos e colegiantes". Acrescentemos outro dado: o primeiro ano de sua viagem pela Europa, Oldenburg e seu grupo passaram em

Saumur; centro intelectual do protestantismo francês (Meinsma 22, p. 218 e 221).

(6) Popkin expressa assim sua opinião: “il semble probable que Serrarius ait été l’instigateur de la rencontre entre Spinoza et Oldenburg, et que Spinoza ait été en contact, dans une certaine mesure, avec les cercles millénaristes autour de Serrarius à partir du moment de son exclusion, et par la suite Dury était sans doute un autre maillon de la chaîne, puisqu’il avait épousé la tante de Boyle, était le beau-père d’Oldenburg et se trouvait être un excellent ami de Menasseh ben Israel” (in Meinsma 22, p. 278/62*). E acrescenta: “Serrarius, Boreel et probablement Dury eurent des rapports étroits avec Spinoza après son exclusion” (in Meinsma 22, p. 278-9; cf. Hutton 20, p. 108/11n, 116, 118/40n). Quanto à óptica, cabe indicar que, se Espinosa aprendeu seu ofício antes de deixar Amsterdã, como sugere seu biógrafo Colerus e outros (Biografías, C 19-21; J 5, B 4, K 4, L 18; cf. Domínguez 10), pôde ter conhecido ali Hudde (1658-60), que tinha terminado seus estudos em Leiden.

(7) Oldenburg utiliza aqui, para exprimir sua inquietude intelectual, a mesma expressão (Ep 1, p. 6/5: *menti meae crucem figant*) que em 1675 para referir-se à reação de muitos leitores do TTP (Ep 71, p. 304/9: *cruces Lectoribus fixere*). O mesmo contraste, entre o pessoal e o doutrinal, experimentará W. van Blijenbergh ante a leitura de seu comentário a Descartes: *summopere palato arridebant, ita etiam quaedam – concoctu difficilia, isto é, difíceis de digerir* (Ep 18, p. 80/37–81/21).

(8) Cf. Ep 1, p. 6/9-12. A relação de Espinosa com Descartes será um ponto de necessária referência para quase todos os seus interlocutores, tanto em óptica e mecânica como em método e metafísica; porém, sobretudo, pela ambigüidade de Espinosa para com ele e por sua distinta noção da liberdade: Ep 1-3, 6, 11, 13, 14, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 30-I, 31, 32, 33, 39, 40, 42, 43, 48-A, 50, 57-59, 67-A, 68, 80-83; cf. Índice da Correspondência e as Biografías, que remetem às páginas. Um comentário brilhante em espanhol, ainda que parcial (Lamy, Malebranche, Leibniz), é o de G. Albiac, cujo lema é o *stolidi cartesiani* usado por Espinosa na Ep 68 (Albiac 2, p. 155-67).

(9) Ep 1, p. 5/16 (humanitate); Ep 2, p. 7/22-23: quamquam non putem, nisi tua benignitas intersit, hoc medium futurum ut mihi arctiùs devinciariis. *Sobre a modéstia: Ética, 3/29e, 3/59e, 3/af48, 4/37e1, 4/cap25.*

(10) Ep 2, p. 8/11-12: quibus demonstratis, facilè poterit videre, Vir Clarissime, quò tendam, modo simul attendat ad definitionem Dei. *K. Fischer lhe dá um alcance geral: "Wir sind bereits im Geist und Zuge des Systems" (Fischer 14, p. 212).*

(11) *Espinosa sublinhou seu distanciamento de Descartes com relação à idéia da liberdade (Ep 2, p. 9/5-23; cf. PPC, pref., p. 132/1-19; I, 15e; CM, II, 12; ver notas 15 e 55-56).*

(12) Ep 2, p. 7/23-8/13 e ver Ep 32, p. 173/9-14, que comenta o texto de Ep 2. *Sobre a extensão atribuído era explícito: Extensio per se et in se concipitur; at motus non item. Nam concipitur in alio, et ipsius conceptus involvit Extensionem (Ep 2, p. 7/8-8/1; KV, I, 2, §§18-22; TIE, §§87, 108).*

(13) *Descartes, Princípios, I, art. 51-6, 63-5; cf. PPC, I, def. 6-8; ibid., prop. 5-7, 8 e 21; CM, I, 1; II, 1 e 6.*

(14) *Oldenburg insiste: sententiam tuam de sublimi hoc argumento [...] te conjuro, rogoque enixissimè, ut persuasum tibi habeas [...] meque nullatenus commissurum (Ep 3, p. 11/28-12/1 em relação a Ep 2, p. 7/19-20, texto recolhido na nota 9).*

(15) *Oldenburg não aludirà à doutrina exposta por Espinosa na Ep 2, p. 9/5-23 até que aborde o tema da "fatalidade" do ponto de vista teológico ou religioso (Ep 71, 74, 77, 79), ainda que já esteja implícito em sua reiterada pergunta pela origem e a conexão das coisas.*

(16) Ep 1, p. 6/11 (defectus); Ep 2, p. 8/17 (errores); Ep 3, p. 10/11 (quaestiones); Ep 4, p. 13/1 (tuasque objectiones). *Para a Correspondência, ver aqui notas 8 e 53; para a Ética 2/48-49, 5/pref.*

(17) Ep 8-10 (a S. de Vries: sobre o método e a substância), 12, 12-A, 15 (a Meyer: sobre a idéia de infinito e a publicação do PPC/CM), 17 (a Balling: sobre a morte de seu filho e os presságios).

(18) *Meinsma só conhecia o segundo matrimônio e se inclinava a pensar que havia tido lugar em 1663 e que sua mulher havia morrido por causa da peste (Meinsma 22, p. 254, 465). Segundo Sarah Hutton, Oldenburg se casou duas vezes: a primeira com Dorothy West, que não lhe deixou filhos (outubro de 1662-64); a segunda com Dora Katerina Dury (1668-?), filha de seu velho amigo John Dury – casado, por sua vez, com uma tia sua –, da qual teve dois filhos. Ao morrer Oldenburg (outubro de 1677) e sua mulher (?), foi Robert Boyle, cunhado de Oldenburg, quem se encarregou de sustentar as crianças órfãs (Hutton 20, p. 106-8, particularmente p. 107).*

(19) *Apesar de seu interesse pelas ciências, Oldenburg não tinha um pensamento pessoal nem era um investigador, mas um homem hábil como exigia seu cargo de relações públicas (Freudenthal 16, p. 126/5-13; Meinsma 22, p. 465; ver notas 28, 33, 39). Eis aqui um texto bastante expressivo: “Como estão de acordo no tema central, não queria exagerar mais as diferenças; preferiria trabalhar para que unam seus engenhos, emulando-se no cultivo da filosofia sólida e genuína. Tu [...] com a agudeza de teu talento matemático; [...] meu nobre amigo Boyle que ilustre e confirme aquela filosofia com experimentos” (Ep 16, p. 75/7-13).*

(20) *Meinsma 22, p. 296-304 faz uma síntese das cartas, porém sem lhes dar relevo algum; Guzzo 19, p. 176 só recolhe, como é habitual, sua informação sobre a gênese da Ética; e Vries o relativo à guerra e aos motivos do TTP (Vries 27, p. 98-9 e 106-7).*

(21) *Freudenthal 16, p. 125-8 e 280-3; Walther 28, p. 37-8; Albiac 2, p. 33; Sánchez-Estop 24, p. 243: “inversão”; Barbone 3, p. 8-12, 37-8; Hutton 20, p. 108: “The Spinoza/Oldenburg letters fall into two groups: those written between their first meeting in 1665; and those written in the last year of Spinoza’s life after the correspondence was resumed in 1675”. Não obstante, reconhece que “there had been an earlier, short hiatus in the correspondence between the summer of 1663 and spring of 1665” (Hutton 19, p. 109); Chaui 5, I, p. 134-40 e 750-2 (supõe também os dois períodos). O menos útil, de nossa perspectiva, é a decisão de Curley de cortar as Cartas na Ep 28 (Curley 8, I, p. 397), deixando o resto para outro volume, pelo muito discutível motivo de abrir caminho à Ética e situá-la, ademais, antes do TTP,*

pois ele mesmo reconhece que não existiria dela mais do que “a substantial manuscript” (p. xii-xiii).

(22) Ep 18-24 e 27: de 12 de dezembro de 1664 a 3 de junho de 1665. As notas aludidas se acham em CM, I, 3, p. 243/13-24; II, 1, p. 249/17-25; 3, p. 254/32-36; p. 257/3-10.

(23) *Tum occupationum turba, tum calamitatum domesticarum immanitas culpandae sunt (Ep 25, p. 158/11-12). Em todo caso, nos consta que em outubro desse ano, em cartas enviadas a Moray e a Boyle, Oldenburg qualificará Espinosa de “odd philosopher, that lives in Holland, but not hollander” (Oldenburg 23, Ep 42, II, p. 540 e ss.; Boyle 4, Ep 36, V, p. 339); textos recolhidos em nossa edição da Correspondencia, p. 228-30, notas (Domínguez 10).*

(24) *“Un périodique qui paraissait mensuellement en anglais et tous les trois mois en latin, et contribua puissamment à l'épanouissement de la science et à sa diffusion” (Meinsma 22, p. 296). A esta revista seguirem: Journal des Savants, Paris, 1665; Mémoires de Trevoux, 1701-75, dos jesuítas.*

(25) Ep 25, p. 158/11-12; Ep 29, p. 164/27, p. 165/9-14; Ep 30-II, p. 166/6-20; Ep 31, p. 168/27-35; Ep 32, p. 175/14-30; Ep 33, p. 178/26. *Theun de Vries se funda em que Espinosa estaria informado acerca da guerra por pessoas próximas ao governo para confirmar sua tese (Vries 27, p. 106-7) de que o TTP se propunha a apoiá-la: “Dass sie Spinoza zu einem anhelichen Teil ins Vertrauen gezogen haben, auch bezüglich der politischen Situation, ergibt sich aus den Briefen an Oldenburg in London, vor allem denen der Periode von April bis Dezember 1665, als der zweite Krieg gegen England schon ausgebrochen war” (Vries 27, p. 98). Pelo contrário, Ep 28, p. 163/24-31, que está dirigida a um amigo, alheio à política, J. Bouwmeester, e é, portanto, a mais fidedigna, confirma que ele só ouve rumores e lhe pergunta “que opinam os nossos por aí”, quer dizer, em Amsterdã.*

(26) Ep 29, p. 164/23: *ob pestem, omnia ferè commercia prohibentem*; Ep 31, p. 168/34 e ss.

(27) Ep 25, p. 158/18-22: *diatriba de Nitro, deque firmitate et fluiditate. Embora na Ep 26 não exista alusão a este tema, Oldenburg e Boyle agrade-*

cem a Espinosa algum favor, o que parece supor que falta nela esta parte do texto. O certo é que, como supõe Oldenburg (Ep 29), a tradução latina da obra de Boyle aparecerá em Amsterdã sob o título *Tentamina quaedam*, etc., em 1667.

(28) A única pergunta que Espinosa lhe formula é sobre o experimento de Huygens em Londres acerca do pêndulo (Ep 30-I, p. 230/5-10 de nossa edição – D, que corresponde ao fragmento I publicado por A. Wolf em 1935). Este interessantíssimo fragmento não aparecia na edição de Gebhardt de 1925, nem em sua reimpressão de 1972 (G), nem tampouco na Correspondência completa da Editorial Hiperión de 1988 (cf. Sánchez-Estop 24). Mas sim nas edições de Akkerman, em 1977, e de Walther (cf. Akkermann, Hubbeling & Westerbrinck I; Walther 28).

(29) Meinsma reconhece que “l’intérêt que Spinoza inspirait à ce dernier [Huygens], n’allait pas au-delà des lentilles qu’il taillait” (Meinsma 22, p. 323); afirma, sem dúvida, que “Huygens trouva en Spinoza un fervent admirateur” (Meinsma 22, p. 288-9). Este grupo de cartas mostra certamente que Espinosa o visitava, e ele lhe oferecia livros e dava notícias (Ep 26, p. 159); mas também que “o judeu de Voorburg”, como Huygens o chamava, não o elogia nunca: não venderia bem seus pêndulos, seu projeto de dióptria “me parece impossível”, seu tratado do movimento “é inútil esperá-lo”, por mais que ele alardeie ter provado com um experimento realizado em Londres que as regras de Descartes são todas falsas (Ep 30-I); não se fiando nisto, pede a Oldenburg que o confirme (Ep 30-I); e como este não contesta sua pergunta (Ep 31), insiste, não sem certa ironia: sed tibi id non licere judico, quia de hoc nihil respondes (Ep 32, p. 174/15-18). Ao fim, o amigo confirma o fato e lhe dá detalhes com evidente naturalidade e mesmo simpatia (Ep 33, p. 177/12-20).

(30) Ep 28, p. 163/24-31 (de rebus anglicanis). Talvez por uma vez se exceda um tanto Espinosa com suas alusões concretas às gestões pela paz, na Suécia e em Münster (Ep 32, p. 175/6). Por não ter em conta, entre outras coisas, seus destinatários, Sánchez-Estop sugere que Espinosa havia passado (em um ou dois meses) de um “belicismo declarado” (Ep 28) a uma atitude mais prudente (Ep 30-II; cf. Sánchez-Estop 24).

(31) Ep 31, 167/29–168/1: non jam ad manum est libellus, quem antehac edidisti de Cartesii principiis geometricè demonstratis.

(32) *Embora Espinosa se tenha exprimido com clareza em sua carta (Ep 30-I, ao final: p. 230/4-13 de nossa edição – D), Oldenburg confunde sua opinião com a de Huygens (Ep 31, p. 167/27-29), pelo que o primeiro o corrige (Ep 32, p. 174/30-32). Esse equívoco, não há duvida, parece obedecer ao fato de que, em seu comentário a Descartes, Espinosa não tinha exprimido com clareza a mesma opinião, isto é, que se afastava dele neste ponto, Regra 6^a (PPC, II, 30; cf. Descartes, Princípios, II, Art. 51; M. Gueroult 18, II, p. 552-3). Ver nota seguinte.*

(33) Ep 31, p. 167/30–168/6: memini te alicubi indigitasse multa ex iis, quae Cartesius ipse captum humanum superare ajebat, em clara alusão ao PPC (pref. de Meyer, p. 132/25–133/4; cf. Ep 21, p. 129). Como o mesmo Espinosa tinha adiantado a Oldenburg (Ep 13, p. 63/14-16, 23-24) e de algum modo pediu a Meyer (Ep 15, 1^a e 2^a), o prefácio deste deixa certeza da profunda ambigüidade da obra: Espinosa segue à letra Descartes, mas se separa dele mais de uma vez, tanto no método como em pontos essenciais do conteúdo, por exemplo, a liberdade e o sobrenatural (PPC, pref. de Meyer, p. 130/25: verbotenus; p. 131/28-29: latum unguem discedere; p. 131/15-16: a Cartesio saepissime recedit).

(34) *Descartes afirma: voluntas humana est libera, et latior intellectu (Ep 2, 9/5). Espinosa replica: ostendam esse falsam (Ep 2, p. 9/11), tal como dirá Meyer no PPC, pref., p. 132/4-5. Veja-se nosso comentário em Domínguez 12, p. 70-1.*

(35) *Ver aqui notas 5 e 6, 18 e 22 e alusões das notas 44 e 54.*

(36) Ep 2, p. 8/19-21: primae causae, et originis omnium rerum aberrarint; e ver notas 16 e 37.

(37) Ep 3, p. 11/24-31: sublimi hoc argumento [...], quatenam sit substantiarum origo et productio, rerumque a se invicem dependentia, et mutua subordinatio; Ep 5, p. 15/6-13: de vera, et prima rerum origine [...]; omnia, quae audio, quaeque lego, scopae mihi dissolutae videntur.

(38) Ep 6, p. 36/10-25: quomodo scilicet res coeperint esse, et quo nexu a prima causa dependeant [...] et etiam quod Deum a natura non ita separem ut omnes.

(39) *A chave da obra é Deus como causa primeira e o paralelismo epistemológico*: requiritur ut, quamprimum fieri potest et ratio postulat, inquiramus an detur quoddam ens et simul quale, quod sit omnium rerum causa, ut ejus essentia objectiva sit causa omnium nostrarum idearum (TIE, §99, p. 36/9-12). *Outras alusões à origem*: TIE, §42, p. 17/6-7; §75, p. 29/2-3; §76, p. 29/5, 12; §79, p. 30/14; §105, p. 38/2-12). *Esta idéia, ademais, vai associada à causalidade necessária* (TIE, §13, p. 8/16-17: omnia quae fiunt, secundum aeternum ordinem et secundum certas Naturae leges fieri); *pelo qual a dedução “geométrica” é possível*: nulla interrupta concatenatione rerum (TIE, §80, p. 30/27 e ver §61 com a nota a* do autor).

(40) *Nos referimos, sucessivamente, a Ep 11, p. 51/18-22; Ep 13, p. 63/6-24; Ep 15, p. 72/1-7; Ep 16, p. 75/20-25.*

(41) Ep 25, p. 158/6-11; Ep 26, p. 159/8-14, etc. *Serrarius viajava com frequência a Londres até sua morte (1669), e Huygens até que se mudou para Paris (1^a de março de 1666) (Meinsma 22, p. 258-9 e nota 62* de Popkin: Serrarius; p. 322-3: Huygens).*

(42) Ep 30-II, p. 166/12-14; cf. PPC, I, 15, schol., p. 174/22-23, 175/21-25; e ver nosso comentário em Domínguez 12, p. 85-6; Ética 3/pref., 4/45e, 4/50e, 4/73e; 4/Cap. 13.

(43) Cf. Meinsma 22, p. 296-304, 327 (prisão: de 30 de junho a 26 de agosto de 1667), p. 464-5; Hutton 20, p. 109. *Teria sido Tschirnhaus (Ep 63) quem teria melhorado a opinião de Oldenburg sobre o Espinosa do TTP (ver notas 18 e 23 em relação com as notas 48 e 56). Para Leibniz e Espinosa: Biografías de Spinoza, índice (Domínguez 10); Friedmann 17, p. 90-5, 124-33, etc. As críticas a Espinosa na Inglaterra, começando por H. More (carta a Boyle, 1671; Epistola altera, 1675; Refutatio, 1679, são analisadas em trabalhos publicados em 1995 por Cristofolini (Cristofolini 7): R.H. Popkin (in Meinsma 22, p. 6-12), L.S. Hutton (Hutton 20), L. Simonutti (Simonutti, p. 123-37), J. Lagrée (Lagrée, p. 169-83), e de forma ampla e excelente por M. Chauvi, por exemplo, com respeito a H. More e sua*

influência em muitos outros, desde Bayle a Hegel, cf. Chaui 5, I, p. 27-8, 231-7, 280-324; II, p. 55/342n, etc.

(44) *Síntese em nossa "Introducción" ao TTP, p. 21-7 e em notas à Correspondencia (Domínguez 9); documentos em Biografías, índice analítico (Domínguez 10); contexto mais amplo e fontes em Meinsma 22, cap. XI-XII, p. 395-400, 419-41; relações entre Leibniz e Tschirnhaus: Ep 70 e 72. Sobre o ambiente espinosista na França nessa época: Vernière 26, p. 91-107.*

(45) *Ep 61, p. 271/28-272/7; cf. Ep 7, p. 38/13-14: cogitata tua; Ep 11, p. 51/28-31: tua [...] scripta; Ep 13, p. 63/15, 24, 26: cogitata tua; Ep 14, p. 70/10; Ep 16, p. 75/22: ex intellectus tui scriniis propriis; Ep 25, p. 158/16: ingenii tui foetus; Ep 31, p. 168/1-2: proprii ingeniii foetum; Ep 33, p. 176-7.*

(46) *Ep 61, p. 272/5-16. Hutton afirma que o TTP constava, já em 1670, em uma lista de livros que possuía Oldenburg (Hutton 20, p. 111). K. Fischer comenta laconicamente: "Zweites Urteil ist so unfest wie das erste" (Fischer 14, p. 151).*

(47) *Cf. Ep 20, p. 96-7 (Blijenbergh); Ep 67A, p. 298/17-18: depois de citar S. Justino, acrescenta agnosces Christianum perfectum, perfectum philosophum esse; Ep 21, p. 126, 132; Ep 23, p. 146, 148 (Espinosa).*

(48) *O fato de que Tschirnhaus discuta textos concretos da Ética (Ep 59-60, 70), e que, sem dúvida, ele atribua um pouco antes a Espinosa uma definição de liberdade (Ep 57, p. 263/11-12: Cartesius, quod a nulla causa cogitur. Et tu econtra, quod a nulla causa determinatur ad aliquid), e que este não a reconheça como própria nem saiba de onde a tirou (Ep 57, p. 265/21-22: illam libertatis definitionem, quam meam esse ait; sed nescio unde illam sumpserit), poderia delimitar as datas entre as quais teria conseguido um manuscrito da obra (outubro de 1674-janeiro de 1675).*

(49) *Meinsma 22, p. 465; Sánchez-Estop 24, p. 216: "Uma profissão de fé cristã por parte de Espinosa". Walther 28, p. 38: "Vielleicht ist der reaktionäre Einfluss Boyles für Oldenburg neue Position mit verantwortlich". Hutton 20, p. 111/24n; Barbone 3, p. 38: "Was a much changed man".*

(50) *Idéia sugerida na Ep 3, p. 10/27-28: cum adhuc sub iudice lis sit, quid sit Cogitatio, sitne motus corporeus, an actus quidam spiritualis, corporeo plane contradistinctus. Não parece acertada a opinião de Freudenthal (Freudenthal 16, p. 127-8), de que Oldenburg não entende Espinosa neste ponto (nem tampouco no da providência: Ep 31), visto que alude à tese de Hobbes (Terceiras objeções, 2^a obj.) e de Regius (Programma, Art. 2), os quais afirmam que um corpo pode ser o sujeito do espírito (Hobbes) ou que a alma pode ser um modo da substância corpórea (Regius) (ambos os textos com as respostas de Descartes em Œuvres, ed. F. Alquié, II, 601 e ss. = Hobbes; III, 789 e ss. = Regius; comentário a este último em: Dunin-Borkowski 13, II, p. 235-43 e 454-6. Ver notas 8 e 56.*

(51) Ep 31, p. 168/10-11: nullatenus crediderim: in animo tibi esse, quicquam contra existentiam, et providentiam Dei moliri. *Não chegamos a compreender por que Guzzo afirma que “queste parole [acaba de citá-las em latim] non si referiscono al TTP, bensí alle regole del moto” (Guzzo 18, p. 240/7n), pois Oldenburg não está falando do TTP, mas do PPC, e estas palavras se referem, como é obvio, às linhas precedentes (ver nota 33), que falam do sobrenatural tal como o concebe esta obra. A tese de Oldenburg é clara: só a religião (cristã) salvaguarda a providência.*

(52) Ep 7, p. 38/1-4: tua interim ipsius prudentia tibi suggeret [...] metum omnem exspectora. *E no contexto alude aos theologastri (p. 37/30) diante dos sapientes (p. 38/8).*

(53) Cf. a esse respeito Ep 18 e ss.; Ep 42; Ep 57 e ss.

(54) Ep 72, p. 273. *O drástico ditame de Guzzo 18, p. 255, “Come un ultimatum che l’Oldenburg inviava allo Spinoza”, não leva em conta o contexto. Com efeito, as palavras com que conclui Oldenburg, são duras: quod si feceris in eo que christianis cordatis et ratione valentibus placueris, in tutores tuas fore opinor. Porém essa ameaça não é sua, mas daqueles que haviam apresentado uma acusação contra Espinosa: quidam theologi (hujus forte rumoris auctores) occasionem cepere de me coram principe, et magistratibus conquerendi (Ep 68, p. 299/12-14). Sem dúvida que entre esses teólogos Espinosa incluía Velthuysen (Ep 68 e 69). Não obstante, cabe supor também que as duas expressões gregas, usadas por Oldenburg, eu práttein*

(Ep 77, p. 324/26) e proáiresis (Ep 79, p. 329/23), denunciam a mão de seus amigos, os platônicos de Cambridge, neste grupo de cartas.

(55) Freudenthal qualifica a atitude de Oldenburg nesta etapa de "eine unsicher schwankende Stellung" (Freudenthal 16, p. 281/1n).

(56) Ep 71, 74, 77. Yakira 29, p. 121, Hutton 20, p. 114: ambos assinalam que Boyle conciliava a necessidade física com a liberdade moral, porque, diferentemente de Espinosa, as separava. Com efeito, esta será a objeção que lhe fará Oldenburg, contrapondo, como sugeria sua primeira carta (cf. nota 7) e fizera de forma explícita Tschirnhaus (Ep 57, p. 263 e nota), a livre eleição da alma ao mecanicismo do corpo: "O poder do homem está em ter uma alma sã mais que um corpo sã, já que a saúde física do corpo depende de princípios mecânicos e a saúde da alma da 'proáiresis' e de deliberação" (Ep 79, p. 329/20-23). "Se se nega isto, haveria de dizer que a alma humana não obra de forma menos mecânica que o corpo" (p. 330/10-12).

(57) Ep 72, 75, 78. Guzzo 18, p. 252 comenta "le fine e iguale". Uma síntese do debate entre Espinosa e seus contendores – Blijenbergh, Velthuysen, Boxel, Tschirnhaus e Oldenburg – acerca da liberdade pode se ver em nossa "Introducción" à Correspondência, sob o título "El sistema a debate" (Domínguez 9, p. 49-55). Análise de textos paralelos dos CM em Domínguez 12, p. 70-1 e 83-6.

(58) Em uma nota de nossa "Introducción" a TIE, PPC e CM (1988), referindo-nos a esses dois cortes, dizíamos: "Em nossa edição da Correspondência procuramos provar que Oldenburg simula não ter recebido nenhuma das duas obras publicadas por Espinosa", e remetíamos a duas das passagens agora comentadas de forma mais sistemática (p. 294/126n).

(59) "Só na medida em que os homens vivam sob a direção da razão, concordam sempre e necessariamente em natureza" (Ética 4/36d). "Rara vez sucede, sem dúvida, que os homens vivam sob a direção da razão, mas que a maioria são invejosos e se molestam mutuamente" (Ética 4/36e; ver 4/35e, 4/37e1, 4/Cap. 13).

(60) "Pois, pelo que me toca, de todas aquelas coisas que estão fora de meu poder, nada estimo mais que poder ter a honra de travar laços de amizade

com gentes que amam sinceramente a verdade. Porque creio que nada do que há no mundo e cai fora de nosso poder podemos amar com mais tranquilidade do que a tais homens. Com efeito, é tão impossível destruir o amor que eles mutuamente se professam, por estar fundado no amor que cada um deles tem pelo conhecimento da verdade, como não abraçar a verdade uma vez percebida” (a W. van Blijenbergh, 1665: Ep 19, p. 86/27-87/24; cf. KV, II, 5, §5; nossa “Introducción” a Correspondencia, Domínguez 9, p. 7-8, 36-7, 54-5, com suas notas, etc.).

(61) Cf. Ética 4/Cap. 22; TTP, pref.; cap7, p. 97-8.

(62) Oldenburg teme que sua crueldade possa levar ao extermínio da humanidade: accedit bellum atrocissimum, quod non nisi malorum Iliada secum trahit, et humanitatem omnem tantum non è mundo exterminat (Ep 29, p. 164/24-26). Espinosa, em compensação, sabe que o limite do poder humano impõe também um limite a sua crueldade: quando bellatores sanguine fuerint saturi et, ad vires instaurandas, quieverint (Ep 30-I; cf. Ética 3/40). Por outra parte, Oldenburg dá à guerra um significado religioso, pelo que seu temor se transforma em pânico: totam credo Europam sequenti aestate bellis involutum iri, et omnia videntur ad mutationem inusitatum vergere (Ep 31, p. 168/30-32). Daí que, quando chegou a seus ouvidos o rumor sobre o Sabatai Zevi de Constantinopla, seu terror adquiriu a dimensão de uma catástrofe milenarista, e perguntou sobre isto a seu amigo: scire aveo, quid judaei amstelaedamenses ea de re inaudiverint, et quomodo tanto nuncio afficiantur, qui, si verus fuerit, rerum omnium in mundo catastrophem inducturus sane videtur (Ep 33, p. 178/30-33). Por lhe ter respondido, Espinosa teria citado o que provavelmente redigiu naquele momento, porém, está claro, sem dar-lhe nenhum significado religioso nem identificar-se a si mesmo com os judeus: absolute crederem, eos [judaeos] aliquando, data occasione, ut sunt res humanae mutabiles, suum imperitum iterum erecturos, Deumque eos de novo electurum (TTP, 3, p. 57/4-6). O comentário destes textos, no contexto do messianismo pessimista de Sabatai Zevi, é o ponto de partida de La sinagoga vacía de G. Albiac (Albiac 2, p. 31-47), que procura derivar o espinosismo, como ética materialista e antifinalista, de seus antecedentes marranos (id., ibid., p. 166).

(63) Ep 29, p. 165/13-14. *Esta atitude moralizante está de acordo com o republicanismo de Oldenburg, embora tenha sabido conviver, como Milton, com Cromwell primeiro e com Carlos II depois (ver notas 18, 25, 30). Sobre a atitude de Milton, em debate com Saumaise, acerca da execução de Carlos I e suas possíveis afinidades com Espinosa, cf. Dunin-Borkowski 13, II, p. 174-7 e 440; cf. a opinião de Espinosa sobre Cromwell e outros semelhantes a ele em TTP, 18, p. 226-8.*

Referências Bibliográficas

1. AKKERMAN, F., HUBBELING, H.G. & WESTERBRINCK, A.G. *Spinoza. Briefwisseling*. Amsterdã, Wereldbibliotheek, 1977.
2. ALBIAC, G. *La sinagoga vacía*. Madri, Hiperión, 1987.
3. BARBONE, S., RICE, L. & ADLER, J. *Spinoza. The letters*. Trad. de S. Shirley. Indianapolis/Cambridge, Hackett, 1995.
4. BOYLE, R. *The works*. 6 vols. Hildesheim, G. Olms, 1962.
5. CHAUI, M. *A nervura do real. Imanência e liberdade em Espinosa*. 2 tomos. Vol. 1: *Imanência*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999 (citados como I e II).
6. CRISTOFOLINI, P. *Cartesiani e sociniani. Studio su Henry More*. Urbino, Argalia, 1974.
7. CRISTOFOLINI, P. (ed.). *The Spinozistic heresy*. Amsterdã, APA-Holland University Press, 1995.
8. CURLEY, E. *The collected works of Spinoza*. Princeton, Princeton University Press, 1985.

9. DOMÍNGUEZ, A. *Spinoza. Correspondencia*. Trad., introd., notas e índices. Madri, Alianza, 1988. (Na mesma editora, nossas traduções das outras obras em 4 vols. (1986-1990), exceto a *Ética*.)
10. _____. (comp.). *Biografías de Spinoza*. Selección, trad., introd., notas e índices. Madri, Alianza, 1995. (Inclui: Prefácio de *OP*, biografias de Bayle, Kortholt, Colerus e Lucas, Biblioteca de Espinosa, síntese de outros documentos e notícias.)
11. _____. *Spinoza*. Madri, Ediciones del Orto, 1995.
12. _____. "Las fuentes de los *Cogitata metaphysica*. Analogías léxicas com Suárez e Heereboord". In: TOTARO, P. (ed.). *Spinoziana. Ricerche di terminologia filosofica e critica testuale*. Florença, L.S. Olschki, 1997, p. 63-89.
13. DUNIN-BORKOWSKI, S. von. *Spinoza*. 4 vols. Münster, Aschendorf, 1933-35.
14. FISCHER, K. *Spinozas Leben, Werke und Lehre*. Heidelberg, C. Winter, 1898, 4ª ed.
15. FRANCÈS, M. *Spinoza dans les pays néerlandais de la seconde moitié du XVII^e siècle*. Paris, F. Alcan, 1937.
16. FREUDENTHAL, J. *Spinoza. Sein Leben und seine Lehre*, Bd. 1: *Das Leben*. Stuttgart, Frommann, 1904.
17. FRIEDMANN, G. *Leibniz et Spinoza*. Paris, Gallimard, 1975 (2ª ed., 1962).
18. GUEROULT, M. *Spinoza*. 2 vols. I: *Dieu (Éthique 1)*; II: *L'âme (Éthique 2)*. Paris, Aubier-Montaigne, 1968-74.
19. GUZZO, A. *Il pensiero di Spinoza*. Florença, La Nuova Italia, 1980.
20. HUTTON, S. "Henry Oldenburg (1617-1677) and Spinoza". In: CRISTOFOLINI 7, p. 106-19.
21. KOLAKOWSKI, L. *Cristianos sem Iglesia. La conciencia religiosa e el vínculo confesional en el siglo XVII*. Madri, Taurus, 1982.

22. MEINSMA, K.O. *Spinoza et son cercle. Étude critique historique sur les hétérodoxes hollandais*. Trad. fr. de S. Roosenburg. Paris, J. Vrin, 1983 (ed. holandesa 1896). (Esta trad. inclui amplas notas dos dois editores, H. Méchoulan e P.-Fr. Moreau, e de outros que atualizam Meinsma.)
23. OLDENBURG, H. *The correspondence*. 13 vols. Madison, University of Wisconsin Press, 1966-86.
24. SÁNCHEZ-ESTOP, D. *Baruch de Spinoza, correspondencia completa*. Trad., introd., notas e índices. Madri, Hiperión, 1988.
25. SPINOZA, B. *Opera*. 4 vols. Ed. por C. Gebhardt. Heidelberg, C. Winter, 1925. Reimpressão: 1972.
26. VERNIÈRE, P. *Spinoza et la pensée française avant la Révolution*. Paris, PUF, 1978 (1ª ed. 1954).
27. VRIES, T. de. *Baruch de Spinoza*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 1983.
28. WALTHER, M. *Baruch de Spinoza. Briefwechsel*. Hamburgo, F. Meiner, 1986.
29. YAKIRA, E. "Boyle e Spinoza". In: P.-F. MOREAU (ed.). "Les premiers écrits de Spinoza." In: *Archives de Philosophie*, 51 (1988), p. 107-24.
30. ZAC, S. *Spinoza et l'interprétation de l'Écriture*. Paris, PUF, 1965.